A P O L O G I A   D E   S Ó C R A T E S

Platão

Tradução: Carlos Alberto Nunes

I – Qual tenha sido, Atenienses, a impressão que vos deixaram meus acusadores, não saberei dizê-lo. De minha parte, ouvindo-os, cheguei quase a esquecer-me de mim mesmo, tal foi o seu poder de persuasão. E, contudo, por assim dizer, não empregaram uma só palavra verdadeira. Mas, em tão grande número de mentiras, uma, particularmente, me deixou estarrecido: que deveríeis ter cautela para eu não vos enganar, por ser muito hábil orador. O fato de não se envergonharem de receber imediato desmentido, quando lhes mostrasse que não sei absolutamente falar em, é o que neles me afigurou o cúmulo da impudência, a menos que o chamem de orador eloqüente quem só diz a verdade. Se é isso o que querem significar, concordarei que também sou orador. Mas, quão diferente deles todos! De qualquer forma, como disse, não enunciaram uma só palavra, ou quase nenhuma, verdadeira. De mim, porém, ireis ouvir toda a verdade. Não, Atenienses, por Zeus, uma oração arrebicada como a deles, com palavras e torneios elegantes, porém de períodos simples e com as expressões que naturalmente me ocorrerem. Creio ser justo o que vou expor; nem deveis esperar de mim coisa diversa. Não me ficaria bem, senhores, na idade a que cheguei, apresentar-me perante vós como um adolescente que trouxesse o discurso preparado. Por isso mesmo, Atenienses, uma coisa vos peço e suplico instantemente: se me ouvirdes fazer a minha defesa com expressões iguais às que eu costumava empregar na ágora, nas bancas dos cambistas — onde, decerto, muitos de vós me ouviram discursar — ou mesmo alhures, nem reveleis admiração nem protesteis contra esse fato. O caso é que pela primeira vez compareço a um tribunal, com mais de setenta anos de idade. Sou, por conseguinte, estranho à linguagem aqui empregada. E, do mesmo modo que, se eu fosse estrangeiro, me desculparíeis por vos falar no meu dialeto e da maneira por que fora educado, peço-vos aceitar agora —parecendo-me justo o que postulo — minha maneira de falar. Talvez seja pior; talvez melhor; quem sabe? Considerai apenas com a máxima atenção se é justo ou não o que eu disser. Cifra-se nisso o mérito do juiz; o do orador consiste apenas em dizer a verdade.

II — Será de justiça, Atenienses, responder em primeiro lugar às acusações mais antigas e caluniosas e b aos meus primeiros acusadores, para depois tratar das últimas e dos mais recentes. Sim, porque desde cedo eu tive junto de vós muitos acusadores, anos seguidos, que nunca diziam nada verdadeiro. Tenho mais medo deles do que de Ânito e seus comparsas, ainda que todos sejam perigosos. Porém muito mais perigosos, senhores, eram aqueles, porque vos falavam quando ainda éreis crianças e me acusavam sem base, levando-vos a creditar que especulava na existência coisas de um tal Sócrates, homem sábio que especulava as coisas do céu e investigava as de debaixo da terra e que conhecia o meio de deixar bons os argumentos ruins. Os autores de tais boatos, Atenienses, são os meus mais temíveis acusadores. Quem os ouvia ficava certo de que as pessoas dadas a semelhantes lucubrações não acreditavam nos deuses. Além do mais, constituem legião os detratores que, anos a fio, lançaram contra mim suas invectivas, sem contar que vos falavam quando vos encontráveis em idade de acreditar em tudo, por ainda serdes crianças — alguns já seriam adolescentes — desfechando seus ataques na ausência do acusado, que nunca teve defensor. O mais absurdo é que ninguém os conhecia nem podia nomeá-los, salvo a hipótese de entre eles haver certo fazedor de

comédias. Mas os outros, tanto os que por inveja ou maldade vos procuravam persuadir, como os que, por convicção, chegavam a convencer alguém: com relação a esses, sinto-me inteiramente desarmado. Pois não me é possível obrigá-los a comparecer aqui nem refutá-los de algum modo, sendo de necessidade que em defesa própria me bata, por assim dizer, com sombras e passe a interrogá-las, sem haver quem me responda. Admiti, por conseguinte, como já disse, que são de duas espécies os meus acusadores: os que moveram contra e mim este processo, e os mais antigos, de que acabo de falar, e convencei-vos de que a estes é que preciso responder primeiro, pois ouvistes suas acusações muito antes e maior número de vezes do que as dos mais recentes.

Pois que seja! Forçoso é defender-me. Atenienses, e tentar desfazer o falso conceito que há tanto tempo formastes a meu respeito; e tudo num prazo muito curto. Desejo ser bem sucedido, se advier disso algum proveito para vós e para mim, e, sobretudo, justificar-me plenamente. Sei, no entanto, que não é fácil conseguir esse desiderato, nem me iludo quanto à precariedade da situação em que me encontro. Será como for do agrado da divindade; a mim compete apenas obedecer à lei e defender-me.

III — Voltemos, assim, para o começo, e vejamos bem que se funda a acusação de onde surgiu a calúnia a meu respeito, que levou Méleto a intentar contra mim este processo. Que assacam contra mim os meus caluniadores? Como num processo regular, precisarei apresentar-vos o teor da acusação: Sócrates erra por investigar indevidamente o que se passa em baixo da terra e no céu, por deixar bons os argumentos ruins e também por induzir outros a fazerem a mesma coisa. Cifra-se mais ou menos nisso a acusação. Proposições desse jaez vós mesmos vistes na comedia de Aristófanes, em que é apresentado um indivíduo de nome que se gaba de andar pelo ar e enuncia um sem-número de tolices, de que eu não entendo nem muito nem pouco. Não me expresso desse modo com a intenção de apoucar essa espécie de conhecimento, caso haja algum sábio que o possua — Não vá lembrar-se, agora, Méleto de mover-me outro processo! — mas a verdade, Atenienses, é que nada tenho que ver com tudo isso. A pelo para o testemunho de quase todos vós, e vos concito a vos informardes reciprocamente e a contardes o que em tantas ocasiões me ouvistes enunciar. Entre vós há muitos capazes disso. Dizei, por conseguinte, se, em qualquer tempo, algum de vós me ouviu falar ou muito ou pouco acerca de semelhantes tópicos. Por esse exemplo podereis concluir que o mesmo se passa com tudo o mais que o povo diz a meu respeito.

IV — Tudo isso carece de base, como se dá, também, com a afirmação, que por certo já vos chegou e aos ouvidos, de que eu procuro ensinar os outros e recebo dinheiro em pagamento, o que também não é verdade. Aliás, considero verdadeira maravilha ser alguém capaz de ensinar outras pessoas, como se dá com Górgias, o Leontino, e Pródico, de Céas, e também Hípias, de Élide. Todos eles, senhores, nas cidades a que chegam têm o dom de persuadir os moços, que, aliás, desfrutam do privilégio de gozar gratuitamente da companhia de qualquer de seus concidadãos, e os 20 a convencem a abandonar estes e passar a frequentá-los mediante pagamento, acrescido dos agradecimentos de que são merecedores. Sim, entre nós encontra-se presentemente um desses sábios, de Paros, de que tive notícias. Visitei casualmente um indivíduo que, sozinho, já gastou dinheiro com

os sofistas do que todos os nossos concidadãos tomados em conjunto: Cálias, filho de Hipônico. A esse, como disse, interroguei. É pai de dois filhos. Cálias, lhe disse, se teus dois filhos fossem potros ou bezerros, saber íamos arranjar quem cuidasse bem deles, mediante pagamento, para deixá-los perfeitos nas respectivasjnrtud.es: evidentemente, algum tratador de cavalos ou lavrador. Mas, uma vez que são homens, a quem pretendes confiá-los? Quem possui o conhecimento da virtude peculiar ao homem Cidadão? Imagino que já refletiste a tal respeito, visto teres dois filhos. Há alguém nessas condições, lhe perguntei, ou não? — Sem dúvida, respondeu. — Quem é? voltei a perguntar; de onde veio e quanto cobra? — É Eveno, de Paros, respondeu; cobra cinco minas. — Então, comigo mesmo considerei Eveno um homem feliz, no caso, bem entendido, de possuir semelhante c arte e de ensiná-la por preço tão módico. E u, também, se a conhecesse, faria alarde disso e me mostraria envaidecido; mas a verdade, Atenienses, é que não a conheço.

V — Talvez me objete algum dos circunstantes: Mas, afinal, Sócrates, qual é a tua ocupação? De onde se originaram as acusações que formulam contra ti? Alegas que nada fazes de mal; porém é evidente que não falariam de ti nem terias a fama que alcançaste, se nada d tivesses feito diferente dos demais. Conta-nos o que se passa, a fim de não formarmos juízo falso a teu respeito.

Acho muito justa a objeção, e vou tentar mostrar-vos o que deu motivo a essa notoriedade e às calúnias levantadas contra mim. Ouvi-me. É possível que alguns dentre vós pensem que não estou falando sério; mas podeis ter certeza de que só vou dizer-vos a verdade.

Semelhante fama. Atenienses, não me veio senão de certa sabedoria que me é própria. Que espécie de sabedoria? Semelhante fama, Atenienses, não me veio senão de certa sabedoria que me é própria. Que espécie de sabedoria? Uma sabedoria puramente humana, sendo de admitir que, de fato, eu seja sábio dessa forma. Os outros, sim, a que me referi há pouco, talvez sejam possuidores de uma sabedoria mais que humana, a respeito da qual não sei o que diga, visto não ter chegado a compreendê-la. Mente e me calunia quem disser o contrário.

Concito-vos, Atenienses, a não vos exaltardes, ainda mesmo que eu vos pareça exagerado. O que passo a contar não me pertence; vou atribuí-lo a quem é merecedor de todo o vosso crédito. Para atestar minha sabedoria — se é que possuo alguma e de que natureza ela seja — vou trazer-vos o testemunho do deus de Delfos. Decerto conhecestes Querefonte. Foi meu amigo de infância e também vosso, amigo do povo ateniense; participou de vosso recente exílio e retornou convosco para a pátria. Sabeis perfeitamente como era Querefonte e como se apaixonava quando empreendia alguma coisa. Assim, de uma feita, estando em Delfos, atreveu-se a consultar oráculo. Como vos pedi, senhores, não vos exalteis. Perguntou, de fato, se havia alguém mais sábio do que eu. Ora, a Pítia respondeu que ninguém era mais sábio. A esse respeito seu irmão poderá confirmar o que vos digo, visto já ter ele falecido.

VI — Vede, agora, por que me refiro a esse fato. Vou mostrar-vos de onde se originou o que falam contra mim. Depois de ouvir aquilo, pus-me a refletir a sós comigo: Que quererá dizer a divindade e que pretende insinuar? Tenho plena consciência de não ser nem muito sábio nem pouco. Qual o motivo, então, de haver ela afirmado que eu sou o mais sábio dos homens? Mentira, não pode ser; não condiz com a sua natureza. E assim durante muito tempo fiquei sem atinar com o sentido dessas palavras; por fim, bastante contrafeito, passei a investigar o caso por este modo: fui ter com um indivíduo considerado sábio, certo de que: ali ou nenhures conseguiria desmentir o oráculo e declarar-lhe: Este homem é mais sábio do que eu; no entanto, afirmaste que eu era o mais sábio dos homens. Passei, portanto, a examiná-lo. Não há necessidade de declinar-lhe o nome; era um dos nossos políticos. Mas, ao examiná-lo, Atenienses, aconteceu o seguinte: no decurso de nossa conversação, quis parecer-me que ele passava por sábio para muita gente, mas principalmente para ele mesmo, quando, em verdade, estava longe de sê-lo. D e seguida, procurei demonstrar-lhe que ele se considerava sábio sem o ser, do que resultou atiçar contra mim seu ódio e de muitas das pessoas presentes.

Depois, ao retirar-me, falava a sós comigo: mais sábio do que este homem terei de ser, realmente. Pode bem dar-se que, em verdade, nenhum de nós conheça nada belo e bom; mas este indivíduo, sem saber nada, imagina que sabe, ao passo que eu, sem saber, de fato, coisa alguma, não presumo saber algo. Parece, portanto, que nesse pouquinho eu o ultrapasso em sabedoria, pois, embora nada saiba, não imagino saber alguma coisa. Depois deste procurei outro, que passava por ser mais sábio, ainda, do que o primeiro; porém sempre com idêntico resultado. Desse modo, tornava-me também odiado por ele por muitos outros.

VII - Daí por diante prossegui no mesmo compasso, percebendo com pesar e medo que incorria no ódio de um sem-número de pessoas; mas estava convencido de que era obrigado a pôr o serviço divino acima de tudo o mais. Vi-me, portanto, na contingência de continuar com o estudo no sentido do oráculo, junto dos que pareciam saber alguma coisa. E, pelo cão! Atenienses, a verdade precisará ser dita; aconteceu comigo o seguinte: com raríssimas exceções, os indivíduos tidos na mais alta conta foram os que me pareceram mais deficientes, quando examinados de acordo com o preceito da divindade, enquanto outros, considerados em geral como inferiores, se me afiguraram de mais claro entendimento. Precisarei relatar-vos toda a minha peregrinação e os trabalhos por que passei, para chegar à conclusão de que o oráculo era irrefutável.

Depois dos políticos, dirigi-me aos poetas de toda b espécie: trágicos, ditirâmbicos e outros, certo de que neste terreno eu teria naturalmente de revelar-me mais ignorante do que todos. Tomando de seus poemas os que me pareciam compostos com mais arte, interrogava-os acerca do sentido de cada um, para, no mesmo passo, aprender com eles alguma coisa. Envergonha-me, senhores, contar-vos a verdade. Contudo, precisará ser dita. Quase todos os circunstantes, por assim dizer, podiam discorrer com mais proficiência a respeito de cada poema do que o próprio autor. Em pouco tempo aprendi com os poetas c que não é por meio da sabedoria que eles fazem o que fazem, mas por uma espécie de dom natural e em estado de inspiração, como se dá com os adivinhos e

os profetas. Estes, também, falam muitas coisas bonitas, mas sem saberem o que dizem. 0 mesmo me pareceu dar-se com os poetas, tendo-se-me revelado, de igual modo, que, pelo fato de fazerem suas composições, em todos os assuntos eles se consideravam os mais sábios dos homens, o que, evidentemente, não eram. Assim, afastava-me também dali com a convicção de ser superior a eles tanto quanto o era aos políticos.

VIII — Por último, procurei os artesãos. Tinha d plena consciência de que eu não sabia, por assim dizer, absolutamente nada, e estava convencido de que eles todos conheciam muitas e belas coisas. N esse ponto não me enganara; conheciam, realmente, muitas coisas que eu ignorava, sendo nisso, precisamente, mais sábios do que eu. Contudo, Atenienses, quer parecer-me que esses meritórios artífices padeciam do mesmo defeito dos poetas: pelo fato de cada um deles conhecer a fundo determinada profissão, julgavam-se também proficientes nas questões mais abstrusas, donde estragar esse defeito fundamental de todos a sabedoria de cada um. Daí, ter perguntado a mim mesmo, com referência ao oráculo, o que fora preferível: ser como era, sem participar da sabedoria e da ignorância de todos, ou ser como eles, sob ambos os aspectos? A resposta dada a mim mesmo e ao oráculo foi que era melhor ser o que sou realmente.

IX — Em consequência dessa investigação, Atenienses, adquiri muitos inimigos da pior e mais perigosa espécie, fonte de toda sorte de calúnias a meu 23 a respeito e do qualificativo de sábio que me conferem. Em cada caso concreto, sempre as pessoas presentes imaginavam que eu era entendido no assunto em que punha a nu a ignorância dos demais. Mas o que eu penso, senhores, é que em verdade só o deus é sábio, e que com esse oráculo queria ele significar que a sabedoria humana vale muito pouco e nada, parecendo que não se referia particularmente a Sócrates e que se serviu do meu nome apenas como exemplo, como se dissesse: Homens, o mais sábio dentre vos é como Sócrates, que reconhece não valer, realmente, nada no terreno da sabedoria.

Continuo até hoje a andar por toda a parte, obediente à intimação divina, a examinar e questionar o estrangeiro ou concidadão que se me afigura sábio. E quando não me parece que o seja, sempre que ponho em relevo sua ignorância é para bem servir a divindade. Com uma ocupação tão absorvente, nunca me sobrou tempo para realizar nada de importância, nem com relação aos negócios da cidade nem com meus assuntos particulares, vivendo, isso sim, em extrema pobreza, por encontrar-me ao serviço do deus.

X — Além do mais, os moços que me acompanham espontaneamente por toda a parte — são os que dispõem de mais tempo, por pertencerem a famílias abastadas — não só se comprazem de me ver examinar tais pessoas, como, por vezes, experimentam fazer a mesma coisa com terceiros, do que resulta descobrirem, segundo creio, um número infinito de gente dessa marca, que imagina saber alguma coisa, quando, de fato, sabe pouco ou mesmo nada. Ora, esses indivíduos, assim examinados, zangam-se comigo em vez de se zangarem com eles mesmos e espalham que um celerado de nome Sócrates anda a corromper os moços. Mas, se alguém lhes pergunta de que se ocupa e o que ensina, não têm o que dizer, porque de todo o ignoram. E, para encobrirem sua

perplexidade, recorrem a essas imputações vulgares comumente assacadas contra os amantes da Sabedoria: investigar as coisas do céu e as de debaixo da terra, não acreditar na existência dos deuses e deixar bom o argumento ruim. Porque a verdade, segundo penso, nenhum se atreve a confessar: que todos eles se revelaram simuladores de sabedoria, quando de e fato, nada sabem. E por serem todos ambiciosos, é o que imagino, e arrebatados, e por constituírem multidão, além de se organizarem sob esse aspecto e de serem hábeis em persuadir, há muito encheram-vos os ouvidos com suas assacadilhas a meu respeito. D esses tais é que provêm as acusações de Méleto. Ânito e Lico formuladas contra mim: Méleto. infenso à minha pessoa por causa dos poetas; Ânito, como porta-voz dos artesãos e dos 24 a políticos, e Lico, aliado aos oradores. Por isso tudo, como já observei no começo, será de admirar se conseguir em tão pouco tempo limpar-vos o espírito de uma calúnia tão arraigada. Eis aí. Atenienses, a pura verdade, que vos exponho sem omitir nem dissimular seja o que for. Contudo, tenho quase a certeza de que por isso mesmo me torno odiado, prova evidente de que falo a verdade e de ser essa a calúnia levantada contra mim e sua causa exclusiva. É o que ireis verificar, decerto, quer b estudeis o assunto agora mesmo, quer o façais mais tarde.

XI — Sobre as imputações de meus primeiros acusadores, baste-vos esta defesa. Contra Méleto. esse homem honesto, amigo da cidade, como ele mesmo se qualifica, e contra os demais acusadores, vou tentar agora responder. M as, visto tratar-se de novo adversário, façamos como para os primeiros e apresentemos o teor de sua acusação. É mais ou menos o seguinte: Sócrates, assim diz ele, é culpado de corromper os moços e não acreditar nos deuses que a cidade admite, além de aceitar divindades novas. Eis a acusação; passemos agora a examinar cada uma de suas partes.

Acusa-me do crime de corromper os moços; porém eu, Atenienses, por minha vez, digo que Méleto é criminoso por estar brincando com coisas sérias e por citar levianamente em justiça outras pessoas, com fingido zelo, a respeito de assunto a que nunca atribuiu a mínima importância. Que tudo se passa desse modo é o que tentarei demonstrar-vos.

XII — Aproxima-te, Méleto, e responde: É certo que fazes muito empenho em deixar os moços tão perfeitos quanto possível? — Sem dúvida. — Então, declara a estes senhores quem os deixa melhores. É evidente que sabes isso, uma vez que tanto te importa essa questão. E já que descobriste quem os corrompe, segundo afirmas, e me trouxeste diante deles para acusar-me: vamos, fala e indica aos presentes quem os deixa melhores. Quem é?

Como vês, Méleto, ficas calado e não tens o que dizer. Semelhante procedimento não te parece vergonhoso e prova suficiente do que afirmei, que nunca te preocupaste com essas questões? Vamos, amigo: quem os deixa melhores? — As leis. — Não foi isso que te perguntei, meu caro, porém o homem, que terá, naturalmente, para começar, de conhecer as leis. — Estes aqui, Sócrates, os juízes. — Que me dizes, Méleto? Estes senhores são capazes de instruir os moços e de deixá-los melhores? — Sem dúvida. — Todos eles, porventura, ou apenas uns, e outros não? — T odos. — Pela deusa Hera, isso

é que é falar bem! Que número de benfeitores! E agora me responde: as pessoas que nos escutam, também os deixam melhores, ou não? — Essas também. — E os membros do conselho? — Também. — Porém Méleto, quem sabe se os cidadãos reunidos em assembléia, os eclesiastas, não corrompem os moços? Ou todos eles os deixam melhores? — Esses também. — A o que parece, todos os Atenienses os deixam bons e nobres, menos eu. Sou o único a corrompê-los. É isso que afirmas? — Exatamente. — Quanta falta de sorte me atribuis! Então, responde-me ao seguinte: És de parecer que o mesmo se b passa com relação aos cavalos? T odos os homens os deixam melhores, e um apenas os estraga? Ou será o contrário disso que acontece: um, apenas, será capaz de deixá-los melhores, alguns poucos: os tratadores de cavalos, enquanto a maioria dos homens os estraga, sempre que com eles se ocupam ou deles se utilizam? Então é isso que se dá com os outros animais? Sim, é isso mesmo, quer tu e Ânito o admitam, quer o neguem. Seria imensa a felicidade dos moços, se fosse verdade que apenas uma pessoa os corrompe e o resto dos homens trabalhasse em seu proveito. Mas, com isso, c Méleto, só demonstraste que nunca te preocupaste com os moços, patenteando-se tua indiferença com respeito às questões que te moveram a citar-me em justiça.

XIII — E agora, Méleto, por Zeus, dize-me se é melhor viver entre cidadãos bons ou entre malfeitores? Responde, amigo. Não é difícil a pergunta. A s pessoas ruins não fazem sempre mal aos que com elas convivem, e as honestas, sempre algum bem? — Perfeitamente. — E haverá, porventura, quem prefira ser prejudicado a ser beneficiado pelas pessoas do seu meio? Responde, meu caro; a lei ordena que me respondas: há quem prefira prejudicar-se? — Não há, realmente. — Sendo assim, ao me chamares a este tribunal, por eu corromper os moços e induzi-los à prática do crime, pretendes que o faça de caso pensado ou sem o querer? — De caso pensado. — Como assim, Méleto? E s tão mais sábio na tua idade do que eu na minha, para compreenderes que os indivíduos maus sempre causam algum dano aos que deles se e aproximam, enquanto os bons só fazem bem: ao passo que tão longe vai minha ignorância, a ponto de não perceber que, se eu deixar pior qualquer indivíduo de minha convivência, corro o perigo de receber algum dano de sua parte? E é de caso pensado, como afirmas, - que ocasiono tamanho malefício? Não. Méleto: jamais poderás convencer-me de semelhante coisa, como estou certo de que a ninguém convencerás. D e duas, uma: ou eu não corrompo os moços, ou, se os corrompo, faço-o involuntariamente. Por isso, em qualquer hipótese estás mentindo. Se os corrompo sem o querer, não manda a lei trazer para aqui quem pratica atos involuntários, porém chamá-lo à parte para instruí-lo e adverti-lo. É claro que, uma vez doutrinado, deixaria de fazer o que só involuntariamente praticara. Porém te esquivaste de mim e fugiste de ensinar-me, preferindo citar-me para onde a lei manda trazer os que precisam ser punidos, não quem carece de instrução.

XIV — Nesta altura, Atenienses, conforme disse, já deveis estar mais do que convencidos de que Méleto b nunca se preocupou com semelhante questão. Não obstante, declara-nos, Méleto, por que motivo andas a espalhar que eu corrompo os jovens? Segundo a queixa que apresentaste, deve ser por ensiná-los a não acreditar nos deuses em que a cidade acredita, porém em demónios de nova modalidade. Não é isso

o que afirmas: que com essa doutrina eu os corrompo? — Perfeitamente; e insisto no que disse. — Então, Méleto, por esses mesmos deuses de que estamos tratando, c expõe com mais clareza teu pensamento, a mim e a estes senhores aqui presentes. Pois não chego a compreender se afirmas que eu ensino a acreditar em alguns deuses — do que se concluiria, afinal, que acredito na existência dos deuses e não sou absolutamente ateu nem criminoso dessa espécie, com a diferença de não acreditar nos deuses admitidos pela cidade, porém noutros, sendo esse o fundamento de tua queixa: por serem outros — ou se afirmas por maneira categórica que não acredito absolutamente nos deuses e isso mesmo ensino a outras pessoas? — O que afirmo é que não acreditas absolutamente na existência dos deuses. — Ó, admirável Méleto! Como podes dizer semelhante coisa? Então, não considero deuses nem o sol nem a lua, como o admitem os demais homens? — Não, senhores, juízes, por Zeus; ele ensina que o sol é uma pedra e que a lua é da terra. — É Anaxágoras que imaginas acusar, amigo Méleto. F azes tão pouco caso dos presentes e os consideras ignorantes a ponto de não saberem que nos escritos de Anaxágoras de Clazómenas pululam proposições desse teor? Assim, aprenderiam os moços comigo essas noções, quando, por uma dracma, quando muito, têm a possibilidade de adquiri-las no teatro, para e depois zombarem de Sócrates, no caso de chamar este para si a paternidade de semelhantes idéias, que, além do mais, são absurdas. Mas, afinal, por Zeus, o que afirmas mesmo é que eu não acredito em nenhum dos deuses? — Sim, por Zeus; em nenhum, absolutamente. — É incrível, Méleto; nem tu mesmo dás crédito ao que dizes, quero crer. Para mim, Atenienses, este homem é por demais impudente e arrebatado. F oi por orgulho que formulou contra mim sua acusação, apenas para afrontar-me, numa espécie de bravata juvenil. Dá-me a impressão de haver apresentado um enigma, para experimentar-me: Vejamos se o sábio Sócrates percebe que eu estou brincando e que me contradigo no que afirmo, ou se conseguirei ludibriá-lo e a todos os que me ouvem. Pois quer parecer-me que ele se contradiz na sua acusação. É como se dissesse: Sócrates é culpado por não acreditar nos deuses, mas acredita que existem deuses. Positivamente, tudo isso não passa de pilhéria.

XV — Considerai comigo, senhores, porque acho que ele fala desse modo. A gora, Méleto, responde-nos. E vós, conforme vos pedi no começo, não vos lembreis de b ' tumultuar, no caso de eu desenvolver o argumento pelo meu modo costumeiro.

Haverá, Méleto, quem acredite na existência de coisas humanas, mas não aceite a existência dos homens? Ele que me responda, senhores, em vez de protestar a todo instante. Haverá quem não acredite em cavalos, mas admita a existência de coisas equestres? O u em tocadores de flauta, mas apenas na arte dos flautistas? Não há, excelente varão. Se não te decides a responder, eu mesmo me encarrego de declarar-te isso e a todos os presentes. Então, pelo menos responde a esta c outra pergunta: haverá quem acredite na existência de coisas demoníacas, porém não admita a existência de demónios? — Não há. — Como te sou obrigado por te haveres resolvido a responder-me, muito embora só o fizesses sob a pressão destes senhores. De qualquer forma, confessas que eu admito a existência de coisas demoníacas e que as ensino, pouco importando se são novas ou antigas; o fato é que acredito em coisas demoníacas, sempre

de acordo com tua afirmativa, o que, aliás, asseveraste, sob juramento, em tua acusação. Ora, se eu acredito em coisas demoníacas, é mais do que forçoso acreditar também na existência de demónios, não é verdade? Sim, é isso mesmo; pois tenho de admitir que concordaste comigo, já que não queres responder. E os demónios, não os concebemos como d sendo deuses ou filhos de deuses? Que dizes a isso: sim ou não? — De acordo.
— Por conseguinte, se eu acredito em demónios, como declaras, e os demónios, por sua vez, são uma espécie de deuses: daí haver eu dito que estavas gracejando e propunhas enigmas, ao afirmares que não acredito em deuses e, logo a seguir, que acredito neles, visto acreditar em demónios. Ora, se os demónios são filhos bastardos dos deuses, conforme dizem, nascidos de ninfas ou de outras mães: quem poderá admitir que existem filhos de deuses, porém que não há deuses? Seria tão absurdo como acreditar alguém na e existência de filhos de cavalos e de jumentas, porém não na de cavalos e jumentas. Não, Méleto; tem de ser isso: foi só para experimentar-nos que apresentaste tua acusação, ou então por te encontrares em dificuldade para dizer em que eu havia verdadeiramente delinquido. Mas, conseguires convencer alguém, por menos inteligente que seja, de que haja quem acredite na existência de coisas demoníacas e divinas e, ao mesmo tempo, não acredite nem em demónios nem em deuses e em heróis, é o que de nenhum jeito se poderá admitir.

XVI — Não, Atenienses; para provar que eu não cometi crime com referência ao que Méleto me acusa, não se faz mister de defesa muito longa; basta a que já fiz. Quanto ao que vos disse há pouco, que muita gente me dedica ódio, bem sabeis que é a pura verdade. Isso é que me condenará, se eu tiver de ser condenado; não Méleto nem Ânito, porém a calúnia e a inveja das multidões, que já causaram a ruína de muitos homens de b bem e que ainda hão de causar a de muitos outros, pois é pouco provável que venham a parar em mim.

Talvez alguém me objete: Não te envergonhas, Sócrates, de teres adotado um gênero de vida que hoje poderá acarretar-te a morte? Ao que eu daria esta resposta justa: Estás enganado, amigo, se imaginas que, por menos que valha uma pessoa, deve pensar em morrer ou viver, em vez de considerar apenas se procedeu com justiça ou injustamente em todos os seus atos e se se comportou-como homem de bem ou como celerado. De acordo com teu argumento, teriam sido desprezíveis c todos os semideuses que morreram diante dos muros de Tróia, entre os quais se achava o filho de Tétis, que tão longe levou o desprezo do perigo ante a ameaça da desonra. Ao vê-lo impaciente de matar Heitor, sua mãe — uma das deusas — lhe falou mais ou menos nos seguintes termos, segundo penso: F ilho, se matares Heitor, em vingança da morte de teu amigo Pátroclo, virás também a morrer, pois logo depois de Heitor, disse ela, o Destino te alcançará. A o ouvir isso, com desprezo d da morte e do perigo e maior receio de viver desonrado se não vingasse o companheiro, respondeu-lhe: Então, que morra logo, depois de castigar o criminoso, para não ficar junto das naves de proas recurvas como objeto de galhofa e peso inútil sobre a terra. És de parecer que ele tivesse pensado na morte ou no perigo? Não, Atenienses; o que acontece é o seguinte: T odo homem que escolheu um posto, por considerá-lo o mais honroso, ou que nele tenha sido colocado

por seus superiores, aí terá de permanecer, segundo penso, na hora do perigo, sem pensar mais na morte ou no que quer que seja do que na desonra.

XVII — Fora por demais grave, Atenienses, meu procedimento, se, tendo permanecido no lugar indicado pelos generais eleitos por vós mesmos para arriscando comandar-me, em como Potidéia, Anfípolis e Délio, arriscando-me, como qualquer outro, a morrer: vendo-me, agora, no posto em que me colocou a divindade, conforme creio e admiti, para dedicar-me exclusivamente à filosofia e examinar a mim e aos outros, só de medo da morte ou do que quer que seja viesse a desertar. Isto, sim, fora gravíssimo, e com todo o direito qualquer pessoa poderia processar-me por eu não acreditar nos deuses, uma vez que desobedecera ao oráculo, revelei medo da morte e me considerara sábio sem que o fosse. Porque ter medo da morte, senhores, outra coisa não é senão considerar-se sábio; equivale a imaginar alguém que sabe o que ignora. Ninguém sabe o que seja a morte, e, ignorando até mesmo se porventura não será para os homens o maior dos bens, temem-na como se soubessem com certeza que é o maior dos males. E como poderá deixar de ser censurável semelhante ignorância, isto é, imaginar alguém que sabe o que não sabe? N este particular, senhores, é possível que eu seja diferente da maioria dos homens, e se tivesse de considerar-me excepcional em alguma coisa, seria justamente nisto: como não conheço suficientemente o que se passa no H ades, também não tenho a ilusão de conhecer. Porém, cometer qualquer injustiça e desobedecer a um superior — deus ou homem — isso sim, sei bem que é mal e vergonhoso. Fugindo, assim, dos males que reconheço como tal, nunca me temerei nem fugirei dos que não sei se talvez não sejam bens.

Por isso, no caso de me absolverdes, sem c acompanhardes Ânito, quando vos disse que eu não deveria ter vindo ao tribunal, mas que, uma vez aqui presente, não poderíeis deixar de condenar-me, pois, conforme vos asseverou, na hipótese de me absolverdes, vossos filhos se interessarão pelos ensinamentos de Sócrates, do que resultará todos eles ficarem inteiramente corrompidos; ainda mesmo que me dissésseis: Sócrates, não daremos atenção a Ânito; vamos absolver-te, com a condição de parares com essa investigação e não te dedicares de hoje em diante à filosofia; porém se fores mais uma vez apanhado nessas práticas, morrerás por isso; se me absolvêsseis, como vos disse, sob essa condição, eu vos falaria nos seguintes termos: Estimo-vos, Atenienses, e a todos prezo, porém sou mais obediente aos-deuses do que a vós, e enquanto tiver alento e capacidade, não deixarei de filosofar e de exortar a qualquer de vós eu venha a encontrar, falando-lhe sempre na minha maneira habitual: Como se dá, caro amigo, que, na qualidade de cidadão de Atenas, a maior e mais famosa cidade, por seu poder e sabedoria, não te envergonhes de só te preocupares com dinheiro e de como ganhar o mais possível, e quanto à honra e à fama, à prudência e à verdade, e à maneira de aperfeiçoar a alma, disso não cuidas nem cogitas? E se algum de vós protestar e me disser que cuida, não o largarei de pronto nem me afastarei dele, mas o interrogarei, examinarei e arguirei a fundo. No caso, porém, de convencer-me de que é carecente de virtude, embora diga o contrário, repreendê-lo-ei por dar pouca importância ao que é de mais valor e ter em alta estima o que de nada vale. Assim procederei com quantos encontrar:

moço ou velho, estrangeiro ou meu concidadão. Sim, primeiro com estes, por me serdes mais próximos pelo sangue. É o que me ordena fazer a divindade, bem o sabeis, estando eu convencido de que nunca nesta cidade vos tocou por sorte maior bem do que o serviço por mim a ela prestado. Outra coisa não faço, senão perambular pela cidade para vos persuadir a todos, moços e velhos, a não vos preocupardes com o corpo nem com riquezas, mas pordes o maior empenho no aperfeiçoamento da alma, insistindo em que a virtude não é dada pelo dinheiro, mas o inverso: da virtude é que provém a riqueza e os bens humanos em universal, assim públicos como particulares. Se com semelhantes ensinamentos eu corrompo a mocidade, é que são, realmente, prejudiciais. Estará falando à toa quem afirmar que eu ensino coisa diferente. Por isso, Atenienses, vos direi: quer obedeçais a Ânito quer não; quer me absolvais quer não, ficai certos de que jamais procederei de outra maneira, ainda que tenha de morrer mil vezes.

XVIII — Não vos alvoroceis, Atenienses, mas fazei o que pedi: ouvi-me com atenção, sem vos insurgirdes contra o que eu disser. Estou convencido de que, se me ouvirdes, só tereis a lucrar. Tanto mais que me proponho agora tratar de um assunto que decerto há de provocar protestos de vossa parte. Contende-vos, por obséquio. Sabeis perfeitamente que, se me condenardes à morte, sendo eu como vos disse, não me prejudicareis tanto como a vós mesmos. Nem Méleto, nem Ânito conseguirão prejudicar-me em nada. Não o poderiam, depois não faz parte, quero crer, da ordem das coisas, ser de algum modo lesado o indivíduo superior por quem lhe é inferior. Sim, poderá matar-me, ou exilar-me, ou privar-me dos direitos civis, o que na sua opinião e de muito mais gente passa por ser um grande mal. Porém de todo diferente é minha maneira de pensar. Maior mal é fazer o que ele faz agora: procurar matar injustamente um homem. Por isso mesmo, Atenienses, estou longe de argumentar no meu próprio interesse, como se poderia imaginar, porém no vosso, para que com minha condenação não venhais a pecar contra a dádiva que vos e concedeu a divindade. Se me matardes, não vos será fácil encontrar outro nas mesmas condições, por mais risível que pareça, preso à cidade pelo deus como um tavão a um cavalo grande e generoso, mas que pelo próprio tamanho se revela um tanto lerdo, motivo por que precisa ser espicaçado. Foi para isso, segundo penso, que ao deus me ligou a esta cidade, para vos espertar e persuadir, razão de eu não cessar o dia inteiro de vos admoestar um por um, onde quer que vos encontre, e de insistir com todos. Não vos será fácil, senhores, encontrar alguém como eu. Por isso, se me aceitardes o conselho, haveis de poupar-me. É possível que vos impacienteis, como se dá com os dorminhocos, quando despertados com sacudidelas, convencidos como estais de que podereis continuar a dormir o resto da vida se obedecerdes a Ânito e me matardes, a menos que o deus se compadeça de vós outros e mande alguém em meu lugar. Que sou, realmente, um indivíduo nessas b condições, entregue à cidade pelo deus;, podeis inferir do que se segue: não condiz com a simples natureza humana descurar-me a esse ponto dos meus próprios interesses e deixá-los em abandono durante tantos anos, para ocupar-me apenas dos vossos, com dirigir-me a cada um de vós em particular como pai ou irmão mais velho, para concitar-vos a vos preocupardes com a virtude. Se disso eu retirasse algum proveito ou exigisse pagamento por minhas admoestações, fora até certo ponto compreensível. No entanto, vós mesmos

devereis de ter observado que, apesar da impudência dos meus acusadores em me assacarem tantos crimes, não se c atreveram em sua desfaçatez a apresentar uma única testemunha de que em qualquer tempo eu exigisse ou solicitasse pagamento de quem quer que fosse. Penso que, em abono de que vos falo a verdade, será suficiente a testemunha por mim mesmo convocada: minha pobreza.

XIX — Decerto a muita gente parecerá estranho que eu andasse pela cidade e me afanasse em aconselhar particularmente os outros, e nos assuntos públicos não tivesse ânimo de frequentar as assembléias e dar conselhos à cidade. A razão desse fato, como já me ouvistes muitas vezes declarar por toda a parte, a d encontrareis em algo divino e demoníaco que se dá comigo e a que, por zombaria, o próprio Méleto se referiu em sua acusação. Isso começou desde o meu tempo de menino, uma espécie de voz que só se manifesta para dissuadir-me do que eu esteja com intenção de praticar, nunca para levar-me a fazer alguma coisa. Isso é que se opõe a que me ocupe com política. E com toda a razão, quer parecer-me. -Pois, como sabeis, Atenienses, se há muito tempo eu me tivesse ocupado com os negócios públicos, há muito, também, já teria e deixado de existir, sem ter sido de nenhuma utilidade nem para vós nem para mim. Não vos zangueis por vos dizer a verdade; mas é fato que não escapará de morrer quem quer que se vos oponha sem temor ou a qualquer outra assembléia popular, para impedir que na cidade se pratiquem injustiças ou iniquidades. Se quiser viver algum tempo, o paladino da justiça terá de conservar-se como particular, sem imiscuir-se na vida da cidade.

XX — Em confirmação do que vos digo, vou apresentar-vos um argumento decisivo, não de simples palavras, mas de fatos, como é mais do vosso gosto. Ouvi o que se passou comigo, para vos convencerdes de que o medo de morrer não me leva a fazer a ninguém nenhuma concessão em detrimento da justiça, e que, assim procedendo, eu me expunha a morte certa. Vou falar-vos, porventura, de coisas importunas e processuais; porém será tudo verdadeiro. E m toda a b minha vida, Atenienses, nunca ocupei nenhum cargo na cidade, a não ser uma única vez o de conselheiro. Ora, aconteceu que nessa ocasião nossa tribo, de Antióquide, exercia o pritanato, guando resolvestes julgar enqlobadamente os dez generais que na batalha naval não recolheram os mortos, decisão ilegal à conta inteira, conforme mais para diante vós mesmos reconhecestes. Dos prítanes fui eu o único a opor-me a que praticásseis algo contra a lei, tendo votado contra aquela determinação. E muito embora os oradores estivessem dispostos a denunciar-me e prender-me como ordenáveis aos berros, achei preferível correr todos os riscos ao lado da lei e da justiça, a ficar de vosso lado numa deliberação injusta, de medo de ser preso ou de vir a perecer.

Isso se deu ainda no tempo da democracia. Porém, depois de instaurada a oligarquia, de uma feita os Trinta me mandaram chamar à rotunda com mais quatro, para trazermos de Salamina Leão de Salamina, a fim de ser executado, incumbência igual às que haviam dado a muitos outros, pelo desejo de deixar corresponsáveis nesses crimes o maior número possível de pessoas. Nessa ocasião demonstrei de novo, não com palavras, mas por atos, que morrer — se a expressão não é um tanto rústica — não me preocupa no mínimo, e que meu empenho exclusivo consistia em não praticar ação

injusta ou ímpia. Pois aquele Poder, por mais discricionário que se então mostrasse, não conseguiu atemorizar-me a ponto de levar-me a praticar qualquer ato injusto; assim, quando saímos da rotunda, os outros quatro foram a Salamina e trouxeram preso Leão, seguindo eu diretamente para casa. E esse meu ato sem dúvida me teria custado a vida, se pouco tempo depois e aquele governo não tivesse sido derrubado. Muitas testemunhas poderão certificar-vos desses fatos.

XXI — Acreditais, então, que eu chegaria a viver tantos anos, se me tivesse ocupado com os negócios públicos e, como homem de bem, tomasse a defesa da justiça, como é de mister, para antepô-la a tudo o mais? Nem por sombras, Atenienses; homem nenhum o conseguiria. Durante toda a vida fui sempre o mesmo, tanto nas funções públicas que cheguei a exercer, como nas minhas relações particulares; jamais concedi nada a ninguém contrariamente à justiça, nem mesmo aos que os meus caluniadores denominam meus discípulos.

O fato é que nunca ensinei pessoa alguma. Se alguém deseja ouvir-me quando falo ou me encontro no desempenho de minha missão, quer se trate de moço quer de velho, não lhe crio dificuldades, como não repilo os que não podem pagar, só falando para os que estiverem em condições de remunerar-me; mas me disponho a responder a todos por igual, assim os ricos como os pobres, ou, se o preferirem, a formular-lhes perguntas, ouvindo eles o que lhes falo. Se de semelhantes práticas alguém sai melhorado ou prejudicado é o que com justiça ninguém me pode responsabilizar, pois nunca me comprometi a dar lições a quem quer que seja, como de fato nunca dei. E se alguém afirmar que aprendeu comigo ou ouviu de mim qualquer coisa em particular, que todos os outros não tivessem ouvido, bem sabeis que está mentindo.

XXII — Então, por que motivo há tanto tempo c algumas pessoas se comprazem em conversar comigo? Já vo-lo declarei, Atenienses; o que vos relatei é a pura verdade: gostavam de ouvir-me, quando eu examinava os que se julgam sábios sem o serem. D e fato, é um espetáculo interessante. T rata-se, como disse, de uma obrigação imposta pela divindade, por meio de oráculos e de sonhos, ou como quer que os. desígnios divinos se tornem manifestos para os homens.

Tudo isso. Atenienses, é tão verdadeiro como fácil de verificar. Porque se, de fato, eu corrompo alguns moços, como devo ter corrompido muitos no passado, o que cumpria a qualquer deles, uma vez atingida a idade adulta e ao perceber que eu o aconselhara para o mal em sua mocidade, era levantar-se imediatamente para acusar-me e exigir que eu fosse castigado. E, no caso de não quererem tomar essa iniciativa, seus familiares, pais e irmãos ou qualquer outro parente, sendo verdade que eu prejudiquei algum membro da família, lembrados agora desse fato, deveriam exigir a minha punição.

Muitos deles se encontram aqui presentes, conforme e verifico, a começar por Critão, da minha idade e do mesmo demo a que pertenço, pai de Critobulo, que também diviso ali; depois, Lisânias, de Esfeto, pai de Ésquines, igualmente presente; a seguir, Antifonte, de Cefísia, pai de Epígeno. Outros mais também se acham no recinto, cujos irmãos

frequentavam minha companhia: Nicóstrato, filho de Teosótides e irmão de Teódoto sim, porque Teódoto já morreu, não podendo, por isso mesmo, influenciá-lo com pedidos — e também Páralo, filho de Demódoco, de quem Teages era irmão. Ali está, ainda, o filho de Aristão, Adimanto, de quem Platão é irmão, aqui presente, bem como Eantodoro, cujo irmão é Apolodoro, que diviso mais além. Poderia mencionar muitos outros, e no meio de tantos competia a Méleto arrolar como testemunha pelo menos um em sua acusação. Se não lhe ocorreu fazê-lo, chame um destes agora, que eu cedo meu lugar, caso ele disponha de alguém para esse fim. Mas o que ireis ver, senhores, é justamente o contrário disso: todos estão prontos a ajudar o corruptor de seus familiares e que tanto mal lhes causou, no dizer de Méleto e de Ânito. Compreende-se que os moços corrompidos por mim depusessem a meu favor; mas os que não o foram e já são homens feitos, parentes dos primeiros, por que razão viriam defender-me, a não ser por lealdade e justiça e por estarem convencidos de que Méleto mente e só eu falo a verdade?

XXIII — Nisto, senhores, cifra-se o que eu tinha a dizer em defesa própria, e talvez mais alguma coisa desse teor. É possível que se indigne algum de vós, ao c lembrar-se do que passou em processo de muito menores consequências, quando se dirigira, súplice, aos juízes, banhado em lágrimas, e levara consigo os filhos pequenos, a fim de comover a todos eles, além de grande número de amigos e familiares, enquanto eu não faço nada disso, apesar de encontrar-me, como tudo leva a crer, no máximo perigo. Considerando isso agora, talvez sinta o amor-próprio ofendido e se irrite comigo, para, num gesto de cólera, depor seu voto contra mim. Se houver entre vós quem seja capaz de proceder dessa maneira — o que não creio — mas, admitindo que haja, penso que nestes termos lhe daria uma resposta razoável: Eu também, amigo, tenho parentes, pois, como diz Homero, não provenho de nenhum carvalho nem da rocha, porém de homens. Por isso mesmo, tenho parentes e filhos. Atenienses, em número de três, sendo um mais grandinho e dois ainda crianças. E, contudo, não mandarei buscar nenhum para concitar-vos a absolver-me. E por que não faço nada disso? Não será por orgulho. Atenienses, nem por desprezar-vos. Se eu encaro ou não a morte com coragem, é questão muito diferente; mas, no que concerne à minha honra, à vossa e à da cidade, não se me afigura decente proceder dessa maneira na idade a que cheguei e com o nome que tenho, seja ou não seja merecido. O fato é que é opinião corrente distinguir-se Sócrates em alguma coisa da maioria dos homens. Seria vergonhoso procederem desse modo os que entre vós são tidos como superiores pela sabedoria, pela coragem ou por qualquer outra virtude, tal como já vi passar-se muitas vezes com pessoas consideradas de valor, e que, ao serem julgadas, se comportavam da maneira mais estranha, pela certeza de que algo muito grave lhes aconteceria se viessem a morrer, e como se ficassem imortais no caso de não lhes tirardes a vida. A meu parecer, com isso eles desonram a cidade, por fazerem crer aos estrangeiros que os mais eminentes Atenienses, escolhidos por seus próprios concidadãos para cargos de direção e outras honrarias, não diferem em nada das mulheres. Essas coisas, Atenienses, nem ficam bem para os que passamos por ter algum merecimento, nem podem ser aceitas por vós outros, quando postas em prática. Pelo contrário, precisareis demonstrar que há muito maior probabilidade de condenardes os

autores de tais dramas lastimosos que expõem a cidade ao ridículo, do que os que se comportam com decência.

XXIV — Mas, pondo de parte, senhores, a questão da honra, não me parece decoroso implorar ao juiz e alcançar absolvição por meio de súplicas, em vez de procurar instruí-lo e convencê-lo. O juiz não é nomeado para fazer favores com a justiça, mas para julgar segundo as leis. Assim, importa que nem nós vos habituemos ao perjuro, nem que vos acomodeis com ele; fora de nossa parte ofensa para os deuses. Não espereis, por conseguinte. Atenienses, que eu faça o que não considero honesto nem justo nem piedoso, máxime, em nome de Zeus, por ter sido acusado de impiedade por Méleto, aqui presente. Pois é evidente que se, à custa de e implorar, eu conseguisse comover-vos e vos levasse a decidir contra vosso próprio juramento, com isso, por um lado, vos ensinaria a não crer na existência dos deuses, mas, por outro, com minha própria defesa me acusara de não acreditar que eles existem. Porém está muito longe de ser assim. A verdade, Atenienses, é que eu creio neles, como não o faz nenhum dos meus acusadores, e deixo agora a vós e à divindade decidir como for melhor tanto para mim como para todos vós.

XXV — Se não me insurjo. Atenienses, pelo fato de me haverdes condenado, é que me sobejam razões, mas principalmente por não ter sido inesperado o que me aconteceu. Pelo contrário, o que mais me surpreende é o número de votos dos dois lados. Não imaginava que seria tão pequena a diferença; esperava muito mais. Como se vê, se apenas trinta votos houvessem caído para lá, eu teria sido absolvido. N essas condições, é lícito afirmar que escapei de Méleto, e também, o que é mais do que manifesto para todos: além de escapar, se Ânito e Lico não se tivessem apresentado como acusadores, ele teria de pagar mil dracmas por não haver alcançado o quinto dos sufrágios.

XXVI — De qualquer forma, este homem pede a minha morte. Pois que seja! E, de meu lado. Atenienses, que pena me imporei? Evidentemente, a que mereço. E qual poderá ser? Que mereço sofrer ou dar em paga por não esconder a vida inteira o que sabia e me ter descurado do que a maioria dos homens tanto preza: riquezas, interesses de família, postos militares, atividades demagógicas, empregos de toda sorte e as conjurações políticas e os partidos que surgem na cidade, por julgar-me honesto em demasia para conseguir a salvação por esse meio? Não me permiti ingressar num caminho de que não adviria bem nenhum nem para mim nem para vós; ao invés disso, empenhei-me apenas em proporcionar a cada um de vós o que a meu ver constitui o maior dos benefícios, procurando convencer cada um a não se ocupar com seus negócios sem primeiro ocupar-se de si mesmo para tornar-se cada vez melhor e mais prudente, nem dos interesses da cidade em detrimento dela própria, e em d tudo o mais seguir a mesma orientação. Que penalidade, então, mereço, por ser como vos disse? Algo bom, Atenienses, se em verdade tiver de ser punido de acordo com meu merecimento. E alguma coisa que convenha a minha pessoa. Qual recompensa convirá a um benfeitor pobre que precisa ter livre todo o tempo para vos admoestar? Não há nada tão indicado. Atenienses, para um indivíduo nessas condições, do que ser alimentado no Pritaneu, muito mais do que para qualquer de vós que houvesse sido vencedor em Olímpia, com

cavalo de corrida ou em corrida de carro com dois ou quatro cavalos. Semelhante vencedor só vos proporciona aparência de felicidade, ao passo que eu vos deixo realmente felizes, sem contar que ele não carece de alimentos, o que se dá comigo. Se houverdes, portanto, de castigar-me com justiça e de acordo com meu mérito, eis a penalidade que me imponho: ser alimentado no Pritaneu.

XXVII — Por falar-vos desse modo, talvez imagineis que emprego linguagem idêntica à que usei quando me referi às súplicas e exortações. Nada disso, Atenienses. O que há é o seguinte: estou convencido de que não age deliberadamente quem comete alguma Injustiça, porém não consigo transmitir-vos essa maneira de pensar. Dispomos de muito pouco tempo para este diálogo. Creio, porém, que se entre nós houvesse uma lei como há noutros lugares, de não julgar só num dia os casos de b pena de morte, porém em muitos, estou certo de que chegaria a convencer-vos. Mas assim, num prazo tão curto, não me é fácil limpar-me de uma calúnia desse porte. Consciente, como estou, de nunca haver feito mal a ninguém, muito menos iria prejudicar-me e falar contra mim mesmo, a ponto de declarar que mereço punição e até de fixar alguma pena. D e que posso temer-me? A punição pedida por Méleto e que eu confesso não saber se é um bem ou um mal? E m vez disso, irei escolher entre várias penalidades qualquer das que eu reputo um grande mal e declarar que a mereço? Talvez pena de prisão? Por que viver no cárcere, em c permanente sujeição à autoridade dos Onze? O u multa em dinheiro, com prisão até poder pagá-la? Equivaleria, no meu caso, à pena anterior, pois não disponho de recursos para comprar a liberdade. Escolherei, então, o exílio? Talvez me confirmásseis essa pena. Porém bem grande teria de ser o meu apego à vida, insensatez ao ponto de não compreender que se vós outros, Atenienses como eu, não pudestes suportar meus discursos e a minha maneira de viver, que se vos tornaram incómodos e odiados, a ponto de quererdes desembaraçar-vos deles: vou imaginar que estranhos irão suportá-los facilmente?

Longe disso, Atenienses. Que bela vida, a minha, desterrado, na idade a que cheguei, a mudar com frequência de cidade e sempre expulso da última em que estivesse! Sim, porque de uma coisa tenho certeza: para onde quer que me dirija, os moços irão escutar-me, tal qual se dá entre nós. Se os repelir, eles mesmos obterão e dos mais velhos que me expulsem; não deixando de acolhê-los, o mesmo farão por amor deles seus pais e familiares.

XXVIII — Talvez alguém me observe: Não poderias viver no exílio, Sócrates, quieto e sem falar? Eis, justamente, o mais difícil de convencer a alguns do vosso meio. Se vos dissesse que isso equivaleria a desobedecer à divindade, motivo por que não me seria possível ficar quieto, não me daríeis crédito, por imaginardes que eu estivesse usando de ironia. Por outro lado, se afirmar que talvez o maior bem do homem consista em passar os dias a conversar a respeito da virtude-e de outros temas sobre os quais já me ouvistes discorrer, examinando outras pessoas e a mim mesmo, e que a vida sem esse exame não vale a pena ser vivida, é o que menos ainda ireis acreditar. No entanto, senhores, é exatamente como digo; a dúvida é que não me é possível convencer-vos. Além do mais, não costumo considerar-me merecedor de punição nenhuma. Se

dispusesse de recursos, estipularia a multa que eu estivesse em condições de pagar; não me prejudicaria com isso. Mas, dinheiro é o que não tenho, a menos que vos decidísseis por uma quantia proporcional às minhas posses. Talvez vos possa pagar uma mina: eis a multa que me imponho. Porém Platão, aqui presente, Atenienses, e também Critão, Critobulo e Apolodoro insistem para que eu arbitre a multa em trinta minas, ficando eles responsáveis por esse pagamento. Condeno-me, por conseguinte, a pagar essa importância, de que eles vos serão fiadores suficientes.

XXIX — Não se passará muito tempo. Atenienses, sem que os difamadores gratuitos da cidade vos acusem e incriminem de haver executado Sócrates, um sábio. Sim, porque me darão o nome de sábio, embora eu o não seja, só para vos diminuírem. Se tivésseis esperado um pouco mais, sem vossa interferência tudo se resolveria por si mesmo. Vede minha idade: tão avançado em anos e já próximo da morte. Não digo isso com referência a todos, mas apenas aos que me condenaram. Para esses tenho ainda a acrescentar: Decerto, senhores, imaginais que eu fui condenado por carecer de argumentos convincentes, no pressuposto de que estivesse decidido a dizer e fazer tudo para ser absolvido. N ada disso! Sim, fui condenado por deficiência, porém não de argumentos, senão de audácia e desfaçatez, e por não decidir-me a dizer-vos o que talvez vos fosse mais agradável ouvir: se me pusesse a chorar e a lamentar-me, e fazendo e alegando muitas coisas, como vos disse, indignas de minha pessoa, mas a que já vos habituastes a ouvir com outros réus nas mesmas condições. Não; nem há pouco achei que à vista do perigo precisasse praticar qualquer baixeza, nem agora me arrependo da maneira por que me conduzi neste processo. Pelo contrário: prefiro mil vezes morrer por me ter defendido como o fiz, a ficar vivo se tivesse falado de outro modo. Porque tanto no tribunal como na guerra, nem eu nem ninguém tem o direito de lançar mão de todos os recursos para escapar da morte. Muitas vezes, nos combates torna-se manifesto que poderia deixar de morrer quem se resolvesse a jogar longe as armas e, súplice, se voltasse para seu perseguidor, e em todos os perigos há muitas maneiras de evitar a morte para quem não se corra de fazer ou dizer seja o que for. Porém o difícil, senhores, não é fugir da morte; muito mais difícil é fugir da maldade, porque esta corre mais b do que a morte. A gora, também, por tardo e velho, fui apanhado pelo mais lerdo, enquanto meus acusadores, por arrebatados e ágeis, o foram pelo mais rápido, a maldade. V ou sair daqui julgado por vós como merecedor da pena de morte, enquanto aqueles foram julgados pela Verdade como culpados de maldade e de injustiça. Conformo-me com minha pena, como eles devem conformar-se com a deles. Talvez tudo devesse terminar por essa forma e creio que assim mesmo está bem.

XXX — Desejo profetizar a meus acusadores o que virá depois disto, pois me encontro no instante preciso em que os homens sobretudo profetizam, isto é: quando estão para morrer. O que vos digo, senhores que me mandais matar, é que logo após a minha morte, vos atingirá um castigo muito mais grave, por Zeus, do que o que me infligistes com esta pena. Assim procedestes, imaginando que desse modo vos livraríeis das inquirições sobre vosso proceder; mas o contrário disso, justamente, d é o que vai dar-se, posso assegurar-vos. E m muito maior número serão vossos inquiridores, que até

o presente, sem que o percebêsseis, eu conseguia sofrear, e que tanto mais molestos hão de ser quanto mais moços forem e contra os quais vos indignareis mais ainda. Se pensais que, matando alguém, impedis de aparecer quem vos censure por não viverdes bem, estais muito enganados. Pois essa maneira de livrar-se de censores nem é eficiente nem honrosa. Para qualquer pessoa, o modo mais nobre e fácil não consiste em incapacitar os outros, mas em esforçar-se para tornar-se homem de bem. É o que profetizo a todos vós que me condenastes, no momento de nos separarmos.

XXXI— Com os que me deram seu voto, desejo ainda conversar a respeito do que me aconteceu, enquanto os magistrados estão ocupados e eu não vou para o lugar em que terei de morrer. Ficai, senhores, esse tempo comigo; nada nos impede de conversar intimamente, enquanto nos for isso permitido. Como a amigos é que desejo expor-vos o significado preciso do que acaba de passar-se.

Com efeito, juízes — sim, dar-vos o nome de juízes é dizer o que realmente sois — passou-se comigo alguma coisa maravilhosa. Durante toda a minha vida o sinal costumeiro de meu demónio familiar não deixou de manifestar-se e, muitas vezes, para opor-se-me até mesmo nas menores coisas, sempre que eu me encontrava na iminência de proceder com desacerto. Agora, como vistes, aconteceu isto comigo, que para muita gente poderia ser considerado o maior dos males, como de fato já tem sido. No entanto, o sinal do deus não me advertiu nem quando eu saí hoje de casa, pela manhã, nem quando me dirigia para este tribunal, nem em qualquer altura de minha defesa, ao preparar-me para dizer alguma coisa, apesar de em muitas outras ocasiões me ter ele cortado o fio do discurso. Hoje, pelo contrário, em toda a marcha do processo, não se opôs a nenhum dos meus atos ou palavras. Como explicar semelhante fato? V ou dizer-vos. É que, sem dúvida, foi para bem tudo o que se passou comigo, não havendo hipótese de estarmos certos, quando imaginamos ser a morte um grande mal. O que me aconteceu agora vale como argumento decisivo. Não é possível que o sinal costumeiro não me tivesse contrariado, se o que eu me dispunha a fazer não fosse bom.

XXXII— Consideremos também quantas razões temos para esperar que a morte seja um bem. Morrer é uma de duas coisas: ou quem morre nada é e carece da menor sensação seja do que for, ou então, como se diz, é uma mudança e a passagem da alma deste lugar para outro. Se se tratar, de fato, da privação total de d sensação, como no sono, quando quem dorme não é perturbado nem pelos sonhos: terá de ser a morte um ganho maravilhoso. N o meu modo de ver, se escolhesse alguém uma noite como essa, de sono tranquilo que nenhum sonho perturbasse e a comparasse com as outras noites e os outros dias de sua vida, para decidir, depois de madura reflexão, quantas noites e quantos dias ele tivera em toda a vida mais agradáveis do que aquela: não direi um simples particular, mas até mesmo o Grande Rei acharia mais fácil de contá-las, em confronto com os outros dias e as outras noites. Se a morte for isso, considero-o um grande lucro, porque todo o tempo não parecerá dessa maneira mais longo do que uma única noite. Por outro lado, se for a morte o trânsito daqui para um lugar diferente, sendo certo, como se diz, que todos os mortos lá se reúnem: que maior bem poderá haver, senhores juízes? Se ao chegar alguém ao H ades, livre dos que se dizem juízes, e lá

encontrar os juízes verdadeiros, conforme contam, a distribuir justiça: Minos e Radamanto, e Éaco e Triptólemo, e tantos outros semideuses que foram justos durante a vida: seria má essa mudança? O u passar a conviver com Orfeu, e Museu, e Hesíodo, e Homero: quanto não pagaríeis para alcançar tão grande ventura? E u, pelo menos, desejo morrer mil vezes, se tudo isso for verdade. Como seria admirável viver em um lugar onde fôssemos encontrar Palamedes e Ajaz Telamônio, e os outros heróis da Antiguidade que pereceram vítimas de julgamento injusto! Comparar minha sorte com a deles, segundo penso, não seria pequena satisfação. Sim, meu maior prazer consistiria em passar todo o tempo a examinar e interrogar os de lá, como fiz com os daqui, para ver qual deles é realmente sábio e qual se considera sábio sem que seja. Quanto não daria qualquer pessoa, senhores juízes, para examinar ao que levou o grande exército para Tróia, ou a Odisseu, ou a Sísifo, ou a tantos outros homens e mulheres que se poderia mencionar? Conviver com eles, conversá-los e examiná-los: que indescritível felicidade! Decerto não matam lá ninguém por isso, pois, além de serem os que lá demoram mais felizes dos que os daqui, são imortais o tempo todo, a ser verdade o que nos contam.

XXXIII — Por isso, também vós, senhores juízes, podeis ficar esperançados ante a perspectiva da morte e firmar no espírito a certeza de que para o homem de bem nenhum mal pode acontecer na vida nem na morte, e que os deuses não se descuidam de seu destino. O que se deu comigo não foi obra do acaso; pelo contrário: tornou-se-me evidente que é melhor para mim morrer agora e ficar livre de canseiras. Essa a razão de não se ter manifestado o sinal, para impedir-me em nada, nem de mostrar-me eu agora aborrecido com meus acusadores e os que me condenarem, apesar de não ter sido essa a intenção deles ao me acusarem e condenarem, pois os movia o desejo de prejudicar-me. Isso é que merece censura em todos eles. E, contudo, só lhes peço uma coisa: Quando meus filhos crescerem, senhores, castigai-os e importunai-os como eu vos importunei, sempre que os virdes mais preocupados com riquezas ou com seja o que for do que com a virtude; e no caso de imaginarem ser alguma coisa, não sendo, de fato, coisa alguma, repreendei-os como vos repreendi, por não cuidarem do que devem e pensarem que têm algum valor, quando, realmente, nada valem. Se assim fizerdes, ter-me-eis tratado com justiça, a mim e a meus filhos. Mas, está na hora de nos irmos: eu, para morrer; vós, para viver. A quem tocou a melhor parte, é o que nenhum de nós pode saber, exceto a divindade.

***